

# humanitas

Vol. XXIII Ž J ;H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA  
MCMLXXI-MCMLXXII



## A ILHA DOS AMORES E O INFERNO VIRGILIANO

Em Camões, é difícil procurar uma fonte única para qualquer episódio ou trecho significativo, não pela preocupação da originalidade a todo preço, corrente em nossos dias, mas por outros motivos que adiante recordarei.

As pessoas com a sua formação cultural sabiam que a reminiscência dos Antigos não era sinal de falta de inspiração própria, mas homenagem consciente ao modelo prestigioso, para ser reconhecida e admirada na sua execução por aqueles que eram capazes de reconhecê-la e admirá-la.

Por isso, quando um classicista procura as fontes greco-latinas de Camões ou de qualquer outro poeta moderno, não pretende diminuí-lo, antes exaltá-lo, na amplitude do seu convívio espiritual com a Antiguidade. Este foi em Camões muito extenso e, por isso, difícil se torna, como atrás dizia, encontrar um modelo único para os episódios de inspiração greco-latina, tanto mais que, além dos escritores da Hélade (possivelmente, em tradução latina) e de Roma, há que ter em conta intermediários como os humanistas e os escritores modernos até o seu tempo (1).

Também a aproximação literal, de verso a verso, não é tão frequente em Camões quanto a sugestão genérica, como pode verificar

---

(1) Cf. VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA, *Função e Significado do Episódio da «Ilha dos Amores» na Estrutura de «Os Lusíadas»*. Lição proferida no XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 3 de Agosto de 1972. Lisboa, 1972.

O estudo de J. PERES MONTENEGRO, *O Classicismo Greco-Latino no Episódio da «Ilha dos Amores»*, Lisboa, 1936, menciona o canto VI da *Eneida*, o *Somnium Scipionis* e muitas outras reminiscências greco-latinas, mas deve ser lido com espírito crítico.

quem leia a colecção de exemplos que António Francisco Barata (2) publicou, em 1882, tirada de um manuscrito do séc. XVI, da Biblioteca de Évora, e editada com o auxílio do latinista Francisco de Paula Santa Clara.

Por isso, mais realista me parece a aproximação das duas epopeias no seu esquema geral, como fez Augusto Epifânio da Silva Dias, na Introdução (3) da sua edição comentada — uma das melhores jamais impressas — de *Os Lusíadas*, saída em 1910. É o mais perfeito paralelo que conheço e não resisto, por esse motivo, a citá-lo na íntegra, a isso encorajado também pela sua brevidade: «Na epopeia vergiliana Eneas, arrojado por uma tempestade ás costas do norte de Africa, refere á rainha Dido os successos dos ultimos dias de Troia e as aventuras por que elle passou desde que sahiu da terra patria até chegar ás praias onde surgia Carthago (*En.* II e III); depois, descendo ao reino das Sombras trava conhecimento por meio de Anchises com os principaes heroes da historia romana (VI 752-888), e, já antes, Jupiter, *volvens fatorum arcana*, revelára a Venus os brilhantes destinos reservados ao povo querido da deosa (I 257-296). Nos *Lusíadas*, Vasco da Gama, aportando a Melinde, desenrola aos olhos do xeque o grande quadro da historia de Portugal (cantos III, IV e V), quadro ampliado por Paulo da Gama, quando explica ao Catual as pinturas historicas das bandeiras da não almirante (VIII 1-38); depois, de volta para a patria, é levado a uma ilha phantastica, onde uma deosa propheticamente lhe dá noticia das grandes façanhas com que de futuro se haviam de illustrar os heroes portugueses (X); e tambem já anteriormente o rei dos deoses, «dos fados as entranhas revolvendo», revelára a Venus as glorias que aguardavam «a gente Lusitana» (II 44-55).»

Epifânio não aproxima explicitamente a descida «ao reino das Sombras», do canto VI da *Eneida*, do episódio da Ilha dos Amores, mas o seu processo de paralelismo sugere claramente a aproximação.

E, de facto, em *Os Lusíadas* a Ilha dos Amores recorda os Campos Elísios da *Eneida*. Mas uma descida aos Infernos, onde se situa o Elísio, implicava problemas teológicos mais graves do que uma ilha imaginária no meio do Oceano. No ambiente português da Contra-

(2) *Concordantur praecipua loca inter Virgilium et Camonium*. Évora, 1882.

(3) Pp. 12-13.

-Reforma, o Inferno dificilmente seria aceite como uma espécie de inferno homérico ou virgiliano, para mais havendo um inferno cristão, considerado lugar de choro e ranger de dentes. Por isso mesmo, lugar de castigo e não de prémio.

A recompensa só poderia ser dada num «paraíso», palavra grega (*παράδεισος*) de origem persa, que significa «parque, jardim», e que os textos biblicos adaptaram. Isto no que diz respeito à palavra, porque quanto a descrever o Paraíso cristão não seria fácil nem, por outro lado, teologicamente aceitável.

Acresce que a imaginação luminosa e pictural do poeta, de que tratei largamente no meu estudo «O mito de Actéon em Camões», o ambiente renascentista em que se formou, e aquele em que as suas leituras o modelaram espiritualmente, tudo lhe sugeria a concepção plástica de uma *μακάρων νῆσος*, «ilha dos bem-aventurados», eternamente perfeita, gloriosa e feliz.

A Ilha dos Amores é simultâneamente lugar de repouso e glorificação e pretexto de descrição cosmológica e profecia histórica. Pode mesmo assinalar-se onde o deleite dos sentidos passa a segundo plano e começa a espiritualização do episódio: o anticlímax do esclarecimento das estâncias 89 e seguintes do canto IX, com a apresentação da ilha como alegoria, e as reflexões morais que, segundo um processo repetido, terminam o canto.

Por outro lado, a Ilha dos Amores é um episódio complexo e menos coerente do que a descida aos Infernos da *Eneida*. Com efeito, a catábase virgiliana integra-se perfeitamente na *pietas* do herói. Virgílio, combinando as suas leituras (4) de filósofos, poetas e profetas, aborda com uma funda emoção e uma compenetração religiosa tão intensa a apresentação do mundo do Além, que o leitor do texto latino não consegue alhear-se do ambiente de mistério que se desprende dos seus versos, desde o encontro de Eneas com a Sibila de Cumas. Ao fazer entrar o seu herói no Inferno, lugar de escuridão e sombras, o poeta sente necessidade de invocar de novo o auxílio dos numes, não as Musas, neste caso, mas as divindades infernais: «Deuses em quem

---

(4) Cf. «Literary and philosophical sources of *Aeneid VI*», em *Virgil, Aeneid VI* edited with Introduction and Commentary by Sir Frank Fletcher. Oxford, 1966. GORDON WILLIAMS, *Tradition and Originality in Roman Poetry*, Oxford, 1968, p. 395 e segs.

está o poder sobre as almas, e sombras silenciosas, o Caos e o Flégeton, regiões sem um ruído, mergulhadas na amplidão da noite, que eu possa, sem sacrilégio, contar o que ouvi, que me seja permitido, com vosso acordo divino, revelar segredos escondidos na escuridão e profunduras da terra» (5).

Assim era necessário, porque na primeira parte da sua viagem ao Além, Eneias percorre, guiado pela Sibila que lhe descreve os lugares de passagem, o Inferno tradicional da mitologia pagã, com os seus monstros variados, os seus rios de lodo e cheiro mefítico e Caronte, a cuja barca acorre a multidão das sombras dos mortos, «tantas quantas as folhas que aos primeiros frios de Outono caem nas florestas» (309-310).

Virgílio faz passar o seu herói pelos Campos das Lágrimas onde se encontra Dido, a apaixonada suicida do canto IV, episódio sentimental que tem merecido ao Mantuano quase tantos reparos, pelo seu alheamento do clima épico, como a história de Inês de Castro a Camões. E a Sibila descreve ao troiano o Tártaro ou lugar de castigo infernal para os que na terra cometeram crimes diversos que enumera. Até que chegam «aos lugares alegres e amenos prados e às mansões felizes dos bosques bem-aventurados. Aqui um éter mais amplo e de radiante luz veste as planuras, há um sol e estrelas próprias» (6).

Os peregrinos estão nos Campos Elísios, «clímax da jornada», como lhes chama Sir Frank Fletcher (7). Por contraste com o Inferno propriamente dito, Eneias e a Sibila encontram-se agora numa região cuja luminosidade e colorido nada ficam a dever à Ilha dos Amores. Há nela, porém, um grau maior de espiritualidade, porque Virgílio era um pagão com alma antecipadamente cristã e Camões, ao invés, um cristão com sensibilidade de pagão renascentista.

(5) *Di, quibus imperium est animarum, Vmbraeque silentes,  
Et Chaos et Phlegethon, loca nocte tacentia late,* 265  
*Sit mihi fas audita loqui; sit numine uestro  
Pandere res alta terra et caligine mersas.*

(6) *Deuenero locos laetos et amoena uirecta  
Fortunatorum nemorum sedesque beatas.  
Largior hic campos aether et lumine uestit* 640  
*Purpureo; solemque suum, sua sidera norunt.*

(7) Livro citado na nota 4, p. 79.

Nos Campos Elísios se encontram todos quantos beneficiaram a Humanidade ou serviram os seus compatriotas, de qualquer modo que fosse. Virgílio procede com maior generosidade do que Cícero no *Sonho de Cipião*, pois o lugar no céu é reservado no *Somnium* apenas a estadistas e guerreiros, ao passo que no Elísio virgiliano se encontra «a companhia (*manus*) dos que sofreram feridas, lutando pela pátria, de quantos sacerdotes passaram a vida castamente, quantos foram profetas piedosos e deram oráculos dignos de Febo, ou os que tornaram a vida mais civilizada, graças à invenção das artes, e de quantos, pelos seus méritos, se fizeram lembrados a alguém» (660-664) (8).

Deste modo, os Campos Elísios estão povoados, quando Eneias lá chega e aí encontra Orfeu, o divino cantor, os seus antepassados troianos («Ilo ... Assáraco ... Dárdano»), seu pai, Anquises, o profeta Museu, além do grupo dos que acima ficaram genericamente descritos. A Ilha dos Amores, essa foi criada para o Gama e seus companheiros e, nesta jornada inaugural, acolhe heróis vivos.

Os Campos Elísios confirmam a *pietas* — palavra de conteúdo semântico complexo que significa, entre outras coisas, o «culto da tradição e dos antepassados» — corroboram a *pietas* do herói virgiliano.

Na *Eneida*, é Anquises quem vai revelar o futuro ao herói, começando por uma cosmogonia e uma psicogonia, criação do mundo e transmigração das almas, aquela, segundo a filosofia estoíca, e esta, segundo os princípios da metempsicose pitagórica. E o episódio é, no seu conjunto, mais platónico do que homérico («Platonic rather than Homeric» Jackson Knight (9), p. 172).

Em *Os Lusíadas* temos a cosmografia ptolemaica, acrescida de anotações renascentistas. E o episódio, segundo uma interpretação corrente (mas não suficientemente documentada), reflecte leituras neoplatónicas.

Na *Eneida*, a teoria da alma eterna do mundo e das almas dos homens que aguardam na prisão transitória do corpo permite a evocação

---

(8) *Hic manus, ob patriam pugnando uulnera passi;* 660  
*Quique sacerdotes casti, dum uita manebat;*  
*Quique pii uates et Phoebos digna locuti;*  
*Inuentas aut qui uitam excoluere per artes*  
*Quique sui memores aliquos fecere merendo.*

(9) «Vergil's Elysium» em *Virgil* edited by D. R. Dudley, Londres, 1969.

dos heróis futuros. Em *Os Lusíadas*, a descrição do Universo, de que a Terra é centro, prepara a menção dos lugares do nosso planeta onde hão-de ocorrer os feitos dos Portugueses.

A enumeração dos futuros heróis romanos, posta na boca de Anquises, é feita com relativa brevidade, talvez porque muitos deles figuravam nos *Anais* de Ênio que Virgílio imita conscientemente, por exemplo, na famosa caracterização de Quinto Fábio Máximo (10), o *Cunctator* ou «contemporizador».

Um lugar especial e uma descrição mais demorada são concedidos a César Augusto que, nas peregrinações pelo Império, foi mais longe do que Hércules e do que Baco (vs. 801-805), e a Marcelo, sobrinho e genro do imperador. E compreende-se porquê: a *Eneida* canta *arma uirumque*, e o varão é Eneias, protagonista do mito das origens troianas de Roma.

Mas no decurso da acção o plano mítico e o plano histórico sobrepõem-se. O filho de Eneias, tão lendário como ele, é Iulo, também chamado Ascânio, de onde tiram origem os *Iuli*, a cuja família pertenciam Júlio César e Octaviano César Augusto. Deste modo, a *Eneida* é o poema dos *Iuli* tanto como do povo romano, dos *Iuli* como símbolo e expoente da glória de Roma, dos *Iuli* a cujo número pertencia Rómulo, fundador da cidade, mencionado imediatamente antes de Augusto.

Num momento crucial do seu destino, quando tudo parecia ir sossobrar na tempestade da guerra civil, um dos *Iuli* deu à cidade e ao império paz e segurança. É como se Augusto estivesse investido de um encargo sobrenatural, o de restaurar a cidade que o seu antepassado fundara. Para mais, o imperador tinha consciência da sua missão divina e o poeta ainda mais do que ele.

Em 17 a.C., dois anos depois da morte de Virgílio, Augusto mandará celebrar os *ludi saeculares* com que se inaugurava o novo *saeculum* dos livros sibílicos, o *magnus annus* dos pitagóricos que anunciavam uma renovação do Universo. É neste ambiente que Virgílio escreve. Para ele Augusto torna-se a reencarnação de Eneias e a cidade volta a encontrar a sua missão eterna, agora que a *gens Iulia* preside aos seus destinos. Estamos perante uma espécie de movimento circular

---

(10) *Vnus qui nobis cunctando restituis rem* (*En.*, VI, 846); cf. com o verso de Ênio, citado por Cícero, *De Senectute* IV, 10: *unus qui nobis cunctando restituit rem*.

em que Eneias e Augusto se fundem como símbolos dos mesmos valores tradicionais, implícitos no conceito da *pietas Romana*.

Em *Os Lusíadas*, o papel do Gama parece menos transcendente, talvez porque a fé que anima o «forte capitão» é partilhada pelos seus companheiros e o poeta não precisa de acentuar especialmente os princípios da doutrina cristã. Outros valores puramente humanos, e não apenas cristãos, recebem maior atenção como a lealdade, o espírito de obediência e o espírito de sacrifício. Aliás, Camões não se propõe tratar *arma uirumque* mas *arma uirosque*, «as armas e os varões», e esta diferença é importante. Por isso, se os comentadores acentuam que Eneias é um simples instrumento do Destino, com vista à criação de Roma, e que o verdadeiro herói da *Eneida* é o povo romano, por maioria de razão se pode dizer de *Os Lusíadas* que o seu grande protagonista é o povo português.

A importância dos dois episódios na estrutura dos poemas a que pertencem apresenta-se como idêntica.

A catábase, colocada no livro VI, fica, mais ou menos, a meio do poema e constitui um momento culminante da *Eneida*. No episódio, confluem passado e presente e se afirma a eternidade de Roma, cidade e civilização, com um destino extra-terreno. Da visita aos Infernos, Eneias sai transfigurado e completamente imbuído da missão que o *Fatum* lhe reserva na História.

A Ilha dos Amores está no fim do poema, posição-chave também, e aí, além da exaltação do esforço humano (e não apenas português) se encontra a narração dos feitos que os Portugueses vão obrar no Oriente, isto é, aquela parte da gesta nacional que tem relação mais directa com a viagem do Gama, pois que sem ela não seria possível. Se a descoberta do caminho marítimo para a Índia é em *Os Lusíadas*, o que foi a navegação de Eneias, de Tróia para o Lácio, na *Eneida*, e o que havia sido antes, o regresso de Ulisses a Ítaca, na *Odisseia*, os acontecimentos futuros no Oriente são a justificação dessa viagem como pretexto e ocasião da epopeia. E justificam igualmente o mais longo dos episódios de *Os Lusíadas*, que é também o seu episódio final, onde, como no Elísio virgiliano, confluem eternidade e temporalidade.

Para completar esta série de aproximações, que não são propriamente coincidências, nem talvez semelhanças, mas permitem reflexões paralelas, lembrarei mais uma ainda.

A muitos leitores de *Os Lusíadas* surgem como o desvanecer da ilusão mítica aquelas estâncias do canto IX, incrustadas na Ilha dos

Amores, à guisa de considerações do poeta, sobre o significado da *μακάων νῆσος*. Chamei-lhes atrás um «anticlímax»:

*Que as Nymphas do Oceano tão fermosas,  
Tethys e a ilha angelica pintada  
Outra cousa não he que as deleitosas  
Honras que a vida fazem sublimada.  
Aquellas preminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De palma e louro, a gloria e maravilha,  
Estes são os deleites d'esta ilha.*

*Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
Lá no estellante Olympo a quem subia  
Sobre as asas inclitas da fama  
Por obras valerosas que fazia,  
Pelo trabalho immenso que se chama  
Caminho da virtude alto e fragoso,  
Mas no fim doce, alegre e deleitoso,*

*Não erão senão premios que reparte  
Por feitos immortais e soberanos  
O mundo cos barões que esforço e arte  
Divinos os fizeram, sendo humanos;  
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,  
Eneas e Quirino e os dous Thebanos,  
Ceres, Pallas e Juno com Diana  
Todos forão de fraca carne humana.*

*Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos  
De Deoses, Semideoses immortais,  
Indigetes, Heroicos e de Magnos.  
Por isso, ó vos que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do somno do ocio ignavo,  
Que o animo de livre faz escravo.*

Pois também Virgílio, inesperadamente, deixa o leitor perplexo, quando Anquises explica ao filho, acompanhando-o à saída do Elísio: «há duas portas do sonho, das quais se conta que uma é córnea, por onde saiem sem dificuldade as sombras verdadeiras, e a outra, de marfim alvinitente, de um brilho perfeito, dá saída para a luz aos sonhos falsos, enviados pelos espíritos do *Além* (*manes*)» (11).

E o poeta conclui: «Com estas palavras, Anquises acompanha então o filho e a Sibila e os despede pela porta de marfim». Virgílio parece invalidar, com a saída pela porta dos sonhos falsos, tudo quanto dissera antes, em alguns dos mais belos versos da Literatura Latina, subtilmente misteriosos e de estranha musicalidade.

As tentativas de explicação, muitas e variadas, vão desde a de que o Mantuano nega a realidade a tudo quanto dissera sobre o Além, até à de que, na sua reserva, procura evitar o sacrilégio de ter revelado os mistérios de Elêusis. Mas não serão os Campos Elísios, em Virgílio, tal como a Ilha dos Amores, em Camões, uma alegoria?

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

---

(11) *Sunt geminae Somni portae, quarum altera fertur  
Cornea, qua ueris facilis datur exitus umbris;  
Altera candenti perfecta nitens elephanto,  
Sed falsa ad caelum mittunt insomnia manes.  
His ibi tum natum Anchises unaque Sibyllam  
Prosequitur dictis portaque emittit eburna (...)*